



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

FELIPE ROQUE DE SOUSA LEMOS

O PALCO NA PRAÇA: Relato fotoetnográfico do Festival de Quadrilhas
Juninas de João Pessoa.

João pessoa - PB
2019

FELIPE ROQUE DE SOUSA LEMOS

O PALCO NA PRAÇA: Relato fotoetnográfico do Festival de Quadrilhas
Juninas de João Pessoa.

Trabalho de Conclusão de Curso para fins de avaliação à
disciplina de TCC como requisito para obtenção do grau
em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade
Federal da Paraíba - UFPB.

Orientação: Prof. Dr^a Luciana Chianca.

João pessoa - PB
2019

Dedico este trabalho em especial a minha mãe, Damiana, que é nordestina, já trabalhou na roça e sempre buscou a possibilidade de me oferecer uma educação de qualidade. Dedico também a todos e todas os LGBTQ's que sonham com a formação em um curso superior, mas que de alguma forma ainda não conseguiram ou não tiveram a oportunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos meus pais, Damiana Roque e Paulo Lemos e as minhas irmãs, Thayná e Antônia, que sempre me apoiaram e torceram por mim para que eu pudesse, finalmente, concluir este curso de graduação. Agradeço também aos grandes amigos que pude fazer durante essa jornada, em especial, Daniele de Moraes e Vinicius Gabriel que sempre me ajudaram nas leituras e discussões dos textos durante toda a graduação. Devo agradecer a todas e todos os professores do Curso de Ciências Sociais - UFPB - que durante esses últimos 5 anos me ensinaram mais do que as disciplinas disponíveis no cronograma, me ensinaram para o pensar a vida e a refletir socialmente. Em especial, agradeço a minha querida orientadora Dra^a Luciana Chianca que durante dois anos, a partir dos nossos encontro do PAMIN, me permitiu um melhor desenvolvimento acadêmico graças às suas provocações e ensinamentos, seja dentro da sala de aula ou fora dela. Agradeço pela sua paciência em compreender minhas dificuldades e limitações e pela sua disponibilidade em me ajudar sempre. Também sou grato a Maraysa Oliveira, uma das pessoas mais alegres e felizes que eu conheci na vida e que desde o ensino médio, sempre me levantou, me aconselhou e me abraçou nos meus momentos de escuridão. E agradeço principalmente a você, Elivelton Nascimento, que acreditou em mim e apesar das dificuldades enfrentadas juntos, permanecemos fortes há mais de cinco anos compartilhando momentos maravilhosos, se hoje eu sou uma pessoa melhor, devo isso também a você.

A todos e todas, meu muito obrigado. Sem vocês, esse trabalho não seria possível.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada entre junho de 2019 a março de 2020 junto ao XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa/PB, organizado pela Prefeitura Municipal da João Pessoa (representada pela Funjope) em parceria com a Liga das Quadrilhas Juninas da cidade.

Seu principal objetivo é apresentar o funcionamento deste Concurso, atentando para as diversas expressões desta dança junina, que é exclusiva do período das festas de São João. Neste trabalho apresentamos algumas questões preliminares e históricas sobre a quadrilha como dança adaptada ao contexto local contemporâneo, conheceremos aspectos importantes deste Concurso, como seu Regulamento e organização, e finalmente apresentamos o momento do Concurso, sintetizando suas três noites numa única sequência ritual, envolvendo organizadores, jurados, dançarinos, público, torcedores e outros participantes.

Amplamente amparada na fotoetnografia (Achutti:1997), sua metodologia inclui levantamento bibliográfico, pesquisa de campo, entrevistas semiestruturadas e registros fotoetnográficos. Pretendemos contribuir com as pesquisas sobre a presença contemporânea dos festejos juninos no Brasil, seu dinamismo e suas transformações enfocando as quadrilhas juninas de concursos (Chianca:2013).

Palavras-chave: Quadrilha Junina; Concurso; Espetáculo; Cultura Popular.

ABSTRACT

The present study showcases a research that took place between June 2019 and March 2020 and followed the XXII Contest of "Quadrilhas Juninas" of João Pessoa/PB, organized by João Pessoa's City Hall (represented by Funjope), in partnership with "Liga das Quadrilhas Juninas".

The main objective is to present how this Contest works, paying attention to the various expressions of this June dance, which is held exclusively on the Feast of Saint John period. In this work, we present some preliminary and historical questions about the "quadrilhas" as a dance adapted to the contemporary local context, we will understand some important aspects of this Contest, as its Regiment and organization, and finally, we will present the moment of the Contest itself; synthesizing its three nights in one singular ritualistic sequence, involving the organization, judges, dancers, spectators, fans and other participants.

Largely supported by photoethnography (Achutti: 1997), the methodology used includes a bibliographic survey, field research, semi-structured interviews, and photoethnographic records. We intend to contribute with the studies about the contemporary state of the June festivities in Brazil, their dynamism and their transformations focusing on the "quadrilhas juninas" that participate in contests (Chianca: 2013).

Keywords: Quadrilha Junina; Contest; Show; Folk Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Arquivo pessoal do autor: Escolinha Aprendiz, bairro Mangabeira, 1997.

Figura 2. Edson Pessoa em sua residência, Roger. João Pessoa – PB.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 3. Ficha de inscrição para o XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 4. Ficha de cadastro individual para cada integrante de uma quadrilha junina.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 5. Rainha da Diversidade em movimento.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 6. Figura representativa do matuto.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 7. Perspectiva da arquibancada

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 8. Vendedora de bebidas alcoólicas.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 9. Calçada por trás do Pavilhão – Comerciantes.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 10. Vendedor de milho cozido na arquibancada.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 11. Criança atenta observando as apresentações.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 12. Interação entre quadrilha e público durante os momentos iniciais da apresentação.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 13. Imagem do palco onde se encontram os jurados, músicos e organizadores.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 14. Montagem do cenário: Momento dos preparativos que antecede uma das apresentações.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 15. Abertura da Quadrilha Explode Coração.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 16. Abertura da Quadrilha Junina Flor de Lírio. Grupo “B”.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 2. Q.J Flor de Lírio - Homenagem ao bloco das Muriçocas do Miramar.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 18. Rei e Rainha em coreografia.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 19. Início da cerimônia de casamento. Na imagem: Padre e casal de noivos.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 20. Cangaceiros em passos de xaxado.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 21. Momento final da cerimônia do casamento matuto.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 22. Casal de noivos apresentados como destaques da quadrilha Explode Coração.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 23. Coreografia executada após o casamento.

Foto: Felipe Lemos, 2019.

Figura 24. A Rainha sendo cortejada.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 25. Destaque da fila de cangaceiros.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 26. Coreografia em movimento circular usando elementos do cenário.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 27. Coreografia em filas formando círculos.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 28. Bumba meu boi como elemento da temática.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 29. Homens nas bordas e mulheres no centro. Coreografia feita antes do casamento.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 30. Mais uma quadrilha ritualizando o momento que antecede o casamento.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 31. Parte do público e das torcidas.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Figura 32. Arquibancada através do Arraial.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - Quadrilhas Juninas: Origens e transformações.....	15
CAPÍTULO 2 - História, regulamento e bastidores de um concurso Municipal de Quadrilhas Juninas.....	22
2.1. Sobre um dos principais organizadores do Concurso.....	22
2.2. Aspectos gerais do regulamento.....	24
2.3. Os Jurados e a avaliação das apresentações das quadrilhas.....	29
2.4. Os bastidores de um Concurso Municipal.....	31
CAPÍTULO 3 - DIÁRIO FOTOETNOGRÁFICO: O XXIII Festival de Quadrilhas Juninas de JP em perspectiva.....	34
3.1. O espaço físico do Concurso.....	37
3.2. A sequência do Concurso: como ele ocorre.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi produzida com o intuito de ser apresentada como trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais (licenciatura) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e refere-se a pesquisa de campo que realizei entre junho de 2019 a março de 2020 com o objetivo de relatar minhas observações acerca do XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa, Paraíba. A partir da minha inserção no campo, pretendo investigar como é produzida a dinâmica de funcionamento desse concurso a fim de compreender a relevância dessas expressões culturais que compõem o cenário da vida urbana, como também compreender o que mobiliza os agentes sociais desses festivais juninos a permanecerem produzindo essas expressões.

Registros em arquivos de museus no Rio de Janeiro datam a chegada da dança quadrilha no Brasil em 1825 e a partir do século XIX podemos perceber o processo de mudança sobre a forma de dançar e celebrar os festejos do período junino. Com o passar do tempo, a quadrilha deixou de ser dançada em vários momentos do ano e passou a acontecer quase que exclusivamente em momentos festivos ligados ao calendário junino da igreja católica. A inserção do homem campesino na construção da quadrilha junina aconteceu através da constante presença da figura do homem sertanejo e caipira nas peças de teatro da época (ZAMITH, 2011). É sabido que a tradição da quadrilha junina está presente em várias regiões do Brasil, porém, esta pesquisa se limita em analisar apenas a realidade de grupos de quadrilhas do Estado da Paraíba, especificamente da cidade de João Pessoa, cidade onde resido e também onde pude aprender e conhecer mais sobre esta dança.

Meu primeiro contato com a quadrilha junina começou na infância onde desde o período escolar, pude dançar e conhecer (mesmo que de maneira improvisada) a quadrilha. Me lembro dos festejos de São João, quando as escolas decoravam as salas de aulas com bandeirolas coloridas, balões e fogueiras, tradição no período junino. Cada criança da turma era responsável por levar alguma comida típica do São João como pamonha, canjica, milho cozido, mungunzá, bolo de milho, paçoca e etc. Era realmente uma festa, nós nos “caracterizamos” de “matuto” e dançávamos na quadrilhinha da escola de maneira despretensiosa, apenas por diversão.

A medida em que fui crescendo, acompanhei de perto os ensaios de algumas quadrilhas de competições que se encontravam semanalmente no pátio da Escola

Compositor Luiz Ramalho, no bairro de Mangabeira, onde estudei durante todo meu ensino médio.

Os vestidos rodados e cheios de babados, as tranças no cabelo, os chapéus de palha na cabeça e as calças com remendos coloridos, os passos bem marcados e ensaiados faziam parte das celebrações juninas que ocupavam o meu espaço escolar e de certa forma, agitavam a comunidade do bairro onde morei e moro até hoje. Nunca dancei em quadrilhas de concursos, mas guardo comigo essas memórias com muito carinho.



Figura 3. Arquivo pessoal do autor: Escolinha Aprendiz, bairro Mangabeira, 1997.

Em 2015, já cursando Ciências Sociais na UFPB, participei como bolsista do projeto de pesquisa e extensão Pamin¹ (Patrimônio, Memória e Iteratividade) coordenado pela professora Dra. Luciana de Oliveira Chianca do departamento de Ciências Sociais da UFPB. Neste projeto, pude me aproximar bastante das questões da educação patrimonial (seja do patrimônio material e do imaterial) assim também como tive a chance de conhecer as expressões artísticas e culturais de um dos maiores e mais antigos bairros da cidade, o barro

¹ O PAMIN integra a antropologia, a informática, e áreas no campo da cultura digital, congregando professores, alunos, servidores e pesquisadores através da extensão universitária associada à pesquisa e ao ensino. Propõe uma abordagem social e tecnológica para as questões relativas à discussão e conservação de informações do patrimônio cultural e artístico através de uma ferramenta colaborativa que contempla os protagonistas destas atividades assim como gestores públicos, instituições governamentais, produtores culturais e pesquisadores com acervos e registros diversificados. Informações disponíveis no site do Lavid em: <http://lavid.ufpb.br/index.php/2015/09/28/pamin-2/> data de acesso em: 03 de Abril de 2020.

do Roger². Conectando as experiências de comunidades que vivenciam a produção da cultura popular, o Pamin colaborou com grupos, pessoas e movimentos artísticos em atividade na cidade de João Pessoa, democratizando o acesso às suas produções.

Foram dois anos participando deste projeto de extensão, desenvolvendo oficinas, produzindo registros audiovisuais, fotografias, entrevistas e passeios nas comunidades com o intuito de produzir um inventário³ além de promover debates sobre a importância da manutenção, preservação e criação de atividades artísticas e culturais feitas pelas próprias comunidades.

Essa monografia surge, portanto, não apenas da minha relação histórica e afetiva com o período de São João da infância, mas também da relação entre minha trajetória acadêmica de envolvimento com o Pamin, com as leituras sobre patrimônio e com o contato direto entre os agentes produtores de cultura popular no Roger, quando pude direcionar meu olhar para a quadrilha junina e percebê-la como possível objeto de pesquisa do meu trabalho de conclusão de curso. Todo esse conjunto de relações me instigaram a procurar compreender melhor as manifestações artísticas, populares e tradicionais da minha cidade, universo complexo do qual os concursos de quadrilhas juninas fazem parte.

A pesquisa que fundamentou este texto é de caráter qualitativo onde se buscou compreender o sentido das ações dos participantes do universo quadrilheiro⁴ a partir de depoimentos em entrevistas e conversas informais com um dos maiores organizadores do Festival de Quadrilhas Juninas de João Pessoa, Edson Pessoa. O formato de pesquisa apresentado aqui expôs a necessidade de um trabalho minimamente etnográfico, porém além da descrição em texto, utilizei a fotografia como recurso metodológico para auxiliar a análise do objeto de pesquisa.

Sobre a fotoetnografia, devemos entendê-la como uma forma específica de captar a realidade observada com a finalidade de registrar momentos e situações importantes para a produção do trabalho antropológico. A fotografia etnográfica pode estar inserida em trabalhos científicos, exposições ou em várias formas de publicações contribuindo para um melhor entendimento sobre o outro ou sobre a realidade a ser observada, além de uma forma

²Roger é um bairro central da zona norte da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. Apresenta população de 10.215, segundo dados de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

³ Este inventário consistiu na identificação e registro por meio de pesquisas e levantamentos realizados pelo Pamin. Nele encontramos vários personagens importantes para a cena cultural do Roger assim como expressões artísticas que dão forma à identidade dessa comunidade.

⁴Me refiro a quadrilheiro (ou quadrilheira) todo participante que está por dentro da produção da quadrilha junina enquanto espetáculo, especificamente, quadrilha de competição.

eficaz para contribuir como fonte documental de preservação histórica de costumes, celebrações, tradições, ritos de passagens, entre outras expressões da vida humana. Como nos mostra Achutti (1997, p.64):

(...) esse domínio técnico aliado ao olhar treinado do antropólogo pode levar a construção de um trabalho fotoetnográfico que venha a ser relevante não só como mais uma das técnicas de pesquisa de campo, mas também como uma outra forma narrativa, que somada ao texto etnográfico venha enriquecer e dar mais profundidade à difusão dos resultados obtidos.

Foi em 1870 que surgiram os primeiros indícios da fotoetnografia e entre eles estão os trabalhos de John K. Hillers que, contratado pelo Departamento de Etnologia Americana, registrou várias tribos indígenas dos Estados Unidos, a antropóloga Alice Fletcher que em 1880, a serviço do Museu Peabody, fez registros dos índios Omahas e Sioux em Dakota. Franz Boas também é considerado um dos precursores em fotoetnografia que em 1886 iniciou um trabalho de campo com o grupo Kwakiutl na costa noroeste dos estados Unidos que durou mais de 40 anos (Gamboa, 2006). Existem vários exemplos na história da antropologia onde a fotografia é utilizada como recurso metodológico não apenas de maneira ilustrativa, mas para produzir narrativas visuais com o intuito de contribuir com o levantamento de dados sobre o campo.

Devido à dificuldade de encontrar materiais escritos como documentos e arquivos históricos sobre concursos anteriores, tive que recorrer também a pesquisas em sites e plataformas virtuais na internet, como matérias em diversos jornais da cidade.

No primeiro capítulo, irei descrever uma breve interpretação histórica sobre as origens da quadrilha junina no Brasil desde sua chegada com os colonizadores e suas transformações ao longo dos anos. Falarei também sobre as distinções entre os estilos de quadrilhas matutas e quadrilhas estilizadas, classificações que se acentuam no Nordeste Brasileiro e que estão presentes na literatura antropológica.

Feito um panorama geral sobre a temática das quadrilhas juninas no Brasil, partirei em seguida para o segundo capítulo, onde a partir de trechos de entrevistas realizadas com a organização do concurso de 2019, pude descrever a estrutura de funcionamento que antecede o concurso de quadrilhas: sua história, a construção do regulamento, os grupos de quadrilheiros que participaram do evento em 2019 e as notícias nos principais jornais da cidade sobre o festival.

Em um terceiro momento, apresentarei o relato fotoetnográfico referente às minhas observações de campo durante 3 dias de apresentações das quadrilhas juninas no concurso

de 2019. É nesse terceiro capítulo que farei uma descrição sobre o espaço, os grupos quadrilheiros, as danças, os temas abordados e suas interações com o público acompanhado de fotografias. É importante frisar que a fotografia para mim foi uma ferramenta fundamental no desenvolvimento desse trabalho e todas as fotos aqui apresentadas são autorais.

Por fim, através desse trabalho convido o leitor a refletir sobre a produção e desenvolvimento de um festival de quadrilhas juninas, assim também como provocar uma reflexão acerca do pensar a quadrilha junina nos dias atuais percebendo sua complexidade e relevância para a cultura popular do Brasil.

CAPÍTULO 1 - QUADRILHAS JUNINAS: Origens e transformações.

Não precisa ser estudioso para perceber que ano após ano o São João mobiliza milhares de brasileiros da cidade e do campo, com diferentes expressões em cada contexto, mas sempre lembrada como uma festa familiar, de vizinhos, de amizade e de amor. (CHIANCA, 2013, p.11)

Antes de iniciar com a narrativa sobre as minhas observações de campo durante o XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas em João Pessoa, acredito ser de extrema importância abordar um capítulo inicial que pudesse trazer ao leitor uma ideia geral sobre a origem dessa dança no Brasil assim como suas modificações ao longo do tempo.

De acordo com Lúcia Rangel (2008), a quadrilha junina, tal qual conhecemos nos dias de hoje em várias regiões do nosso país, tem sua inspiração nas danças de corte francesas e é resultado de uma série de adaptações, modificações e apropriações, que chegando ao Brasil trazida pelos portugueses, “desce as escadarias” dos palácios da realeza e chega às populações menos favorecidas se consolidando, assim, como uma dança popular.

Surgindo por volta do século XVIII e dançada em pares, a “Quadrille”, como era chamada na França, inicialmente era comandada por príncipes e imperadores, mas com o passar do tempo, apareceram os “marcadores”, figuras responsáveis pela delimitação dos passos na dança, assim também como produzir as coreografias, comandar os movimentos e organizar os casais pelos salões dos palácios. Outro elemento importante que compõe a quadrilha é a música, visto que é a partir da musicalidade que os passos são criados e ensaiados. Como nos mostra a etnomusicóloga Rosa Maria Zamith (2011), a princípio as quadrilhas francesas usavam a suíte⁵ de contradanças⁶, caracterizada por sons alegres acompanhados por um piano tendo como referência as músicas clássicas européias tocadas por orquestras da época. Ao se tornar uma dança “matuta” presente nos contextos rurais, as músicas passam a ser tocadas com instrumentos mais populares, como o acordeom, o triângulo e o pandeiro dando origem a vários outros gêneros musicais típicos da cultura popular nordestina, como o forró, o baião, o xaxado e o arrasta pé, que até os dias de hoje,

⁵ Série de passos e maneiras de dançar que preservam uma mesma tonalidade rítmica, adquire importância nos séculos XVII e XVIII e musicalmente é um estilo livre de peças instrumentais geralmente extraídas de óperas e ballets.

⁶ “Dança figurada de quatro ou mais pares que se defrontam uns com os outros” (AMARO, 2009, p.172).

estão presentes não apenas durante os festejos juninos, mas também durante o ano inteiro e em várias partes do Brasil a fora.

Em seu livro “Dicionário do Folclore Brasileiro”, Luís da Câmara Cascudo (2001), também nos chama atenção para a quadrilha enquanto dança que tem origem na Europa do século XVIII, mas que com o passar do tempo foi sendo assimilada e ressignificada pelas classes sociais menos favorecidas economicamente nos países americanos ao longo do século XIX:

Quadrilha. Dança palaciana do século XIX, protocolar, que abria os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, preferida por toda a sociedade. Foi popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático e transformada pelo povo, que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco pares, gritadas pelo “marcante”, bisadas, aplaudidas, desde o palácio até os sertões. [...] A “quadrilha”, em cinco partes com introdução vibrante, movimentos vivos em 6/8 e 2/4, se dançou em todo lugar, terminando sempre num galope. Apareceu no começo do século XIX, e pela época da Regência fazia furor no Rio, trazida por mestres de orquestras de danças francesas, como Milliet e Cavalier, que tocavam as músicas de Musard “o pai das quadrilhas” e Tolbecque. Foi cultivada por nossos compositores, que lhe deram acentuado sabor brasileiro, a começar por Calado, que as fez com acento bem carioca. Hoje é dança desaparecida em quase toda parte, com as suas variantes inglesas “lanceiros” e “solo inglês”. A quadrilha não só se popularizou, como dela apareceram várias derivadas no interior. Assim, a “quadrilha caipira”, no interior paulista, o “baile sifilito” na Bahia e Goiás a “sarué” (deturpação de “soirée”) no Brasil central e, porventura, a mais interessante dentre todas elas, a “mana-chica” e suas variantes em Campos. (CASCUDO, 2001, p.547).

Dessa maneira, podemos perceber que a quadrilha enquanto dança, deve ser compreendida como uma adaptação popularizada de uma antiga tradição comum entre a aristocracia europeia, como uma resultante da apropriação dos costumes por parte da população que não faziam parte da antiga “fidalguia”. E é exatamente a partir dessa apropriação e reinvenção que a quadrilha passou a ser encarada como prática legítima da cultura popular brasileira.

Se antes a quadrilha era dançada nos salões da aristocracia e burguesia e com o passar do tempo foi sendo incorporada e ressignificada pelas classes menos favorecidas pertencentes a grupos do “interior”, então como se deu esse processo de transição? Por que

a quadrilha se tornou importante durante os festejos do período junino? Em seu livro “São João na cidade: Ensaio e improvisos sobre a festa junina”, Luciana Chianca (2013) nos mostra que o processo desse deslocamento simbólico está na identificação pela monarquia e nas implicações culturais resultantes da mudança de poder a partir do Brasil republicano, pois com essa ruptura política, a mentalidade da época também foi mudando e com isso os costumes hegemônicos que predominavam durante boa parte do período imperial foram depreciados e desconsiderados pelos barões e camadas burguesas da cidade.

Assim, aos poucos, a quadrilha foi se afastando das festividades dos ricos da cidade e mesmo estando “fora de moda”⁷ entre eles, esta dança continuou a ser celebrada entre as populações mais distantes dos grandes centros urbanos. Até os dias de hoje, podemos perceber elementos simbólicos associados ao cotidiano rural, ao homem simples do campo, ao “matuto”⁸, o que nos leva a pensar sobre o processo de migração que aconteceu no Brasil por volta de 1950, onde boa parte da população interiorana foi para as cidades em busca de novas oportunidades de trabalho tendo em vista a crescente industrialização urbana da época. Desse modo, referentes a festa de “interior”, a quadrilha enquanto dança estava diretamente associada aos migrantes e aos festejos do mês de Junho, período este que estava marcado pela fartura e colheita na zona rural.

É por isso que hoje vemos dançarinos de quadrilha junina fantasiados de “rurais”, com roupas remendadas, cores fortes e disparatadas, sem nenhuma elegância: O cidadão constrói aos poucos uma imagem pejorativa e caricatural dos imigrantes pobres, o que revoltou e continua revoltando muitas pessoas que vêem nisso um sinal de interiorização dos homens do campo. O que hoje conhecemos como quadrilhas tradicionais são a versão popular dessa dança nobre que se tornou junina, popular, e dançada na cidade por “caipiras”. (CHIANCA, 2013, p.13).

Para trazer um melhor entendimento sobre as quadrilhas juninas e suas variações que se desenvolveram ao longo do tempo, veremos a seguir algumas de suas classificações que se acentuam no Nordeste Brasileiro e que podemos encontrar na literatura antropológica. São elas: Quadrilha matuta e quadrilha estilizada.

⁷ Essa hipótese pôde ser verificada no contexto de Natal - RN. Ver em Chianca, 2006.

⁸ fazendo oposição ao homem da cidade ou homem moderno, o matuto está representado na figura do homem simples do campo desfavorecido economicamente e socialmente. Esse personagem é melhor explicado em Chianca, 2016.

Também conhecida como quadrilha tradicional, a quadrilha matuta, é marcada pela representação mais ou menos pejorativa do homem “caipira” onde, segundo Neto (2009, p.31) “o matuto é o ponto de partida imagético e discursivo para se pensar na estética das quadrilhas tradicionais. Em torno dele estão substanciados e circunscritos os demais elementos.”. Ou seja, é a partir da figura do matuto que a quadrilha tradicional se desenvolve, remetendo-se na maioria das vezes de forma cômica ao universo rural.

Tendo os noivos como personagens principais, a quadrilha é parte do baile da festa de casamento onde duas filas de casais se alinham frente a frente seguindo a orientação de um animador que tem o objetivo de coordenar os passos e gestos dessas filas formando um conjunto de coreografias bem harmoniosas. Nessa modalidade, todos os dançarinos e dançarinas estão devidamente caracterizados de caipiras e se reúnem, para o então casamento forçado que acontece após o noivo engravidar a noiva e mesmo diante das autoridades religiosas e da lei, o mesmo tenta fugir, sendo, então capturado e obrigado a se casar diante todos. No final das contas, tudo termina com um “sim!” no altar da igreja e toda a quadrilha comemora esta cerimônia (CHIANCA, 2013). Sobre o estilo de quadrilha matuta ou tradicional, podemos observar as características estéticas e corporais onde, ainda segundo Chianca (2007, p.51), desde os anos 1930 a imagem do matuto estava vinculada a uma condição do migrante economicamente desfavorecido num estado de fraqueza social que ninguém gostaria de apresentar.

Assim, o figurino dos participantes desse estilo de quadrilha apresenta certa precariedade. Entre os homens matutos encontramos: tecido barato, de chita, com vários remendos feitos a partir de sobras, estampas quadriculadas e xadrez, roupa pouco variada e bem despojada. Na cabeça, se usa um chapéu de palha e em torno do pescoço algum lenço amarrado entre o peito, o bigode geralmente é feito com lápis preto para trazer um aspecto de selvageria, acentuando ainda mais esse ar caricatural do homem do campo, inclusive, alguns deles simulam até falta de dentes na boca. Já entre as mulheres matutas encontramos vestidos com estampas florais, saias com movimento e cheias de babados, porém sem muita extravagância para não contrariar os valores morais conservadores referentes ao lugar do “interior”. Os acessórios são bem-vindos, e aqui encontramos pulseiras, anéis, colares, brincos, fitas no cabelo. Os calçados são de couro de “rabicho” e o cabelo é dividido ao meio fazendo tranças em cada lado da cabeça usando chapéu de palha por cima ou não. No rosto, observa-se pequenas manchas feitas com lápis simulando imperfeições nas bochechas

deixadas pelo trabalho no campo assim também como maquiagens coloridas na boca e nos olhos demonstrando certa falta de elegância em contraponto a mulher moderna da cidade.

A vista disso, Chianca (2013, p.81) ainda nos mostra que devemos perceber a quadrilha matuta não apenas como um retrato do caipira na cidade representado de maneira grosseira e caricatural, mas sim, é a partir do personagem matuto, que as gerações mais novas, descendentes de migrantes produzem uma espécie de ritual usando a dança como ferramenta de produção cultural visando uma experimentação da identidade pré-migratória, onde há uma relação constante entre recuperação e distanciamento de elementos ligados a identidade do homem rural que, grosso modo, é “incompatível” com os costumes da vida urbana e moderna.

É através desse jogo de negociação, aproximação e distanciamento, usando o “interior” idealizado, acionando, por assim dizer, a memória coletiva e afetiva dos quadrilheiros que compreendemos aqui essa modalidade de quadrilha junina. A seguir, veremos um pouco sobre a dinâmica das quadrilhas estilizadas e suas características.

Apesar de não sabermos de onde vem o pioneirismo⁹ e o momento exato do surgimento das quadrilhas juninas estilizadas, acredita-se que foi a partir dos anos 1980 que esse estilo de dança apareceu no Nordeste brasileiro e foi se tornando cada vez mais conhecido nas cidades, principalmente através de concursos (ou competições). As diferenças estéticas entre o modelo estilizado e o matuto são bem perceptíveis apresentando certo distanciamento com aquela forma tradicional de se pensar e fazer quadrilha.

Ainda que as quadrilhas estilizadas conservem a estrutura básica do modelo matuto referente a vestimenta (homens: camisa de manga comprida, chapéu, calça, cinto; mulheres: vestidos rodados, adereços na cabeça e maquiagens coloridas), as quadrilhas estilizadas agora passam a exaltar riqueza e sofisticação. Materiais como lantejoulas brilhantes, pedrarias, tecidos extravagantes como cetim e paetê, tomam o lugar a antiga chita, roupas remendadas, estampas xadrez e aos poucos a figura do matuto desdentado e com maquiagens

⁹ Luciana Chianca (2007) nos mostra que em Natal, os grupos de quadrilha estilizado surgiram em meados de 1990, passando por um processo gradativo de transformações da dança tradicional que atinge uma maior visibilidade em 1995. Por outro lado, Hugo Menezes Neto (2009) afirma que em Recife, foi no final dos anos 1980 que as quadrilhas estilizadas começaram a aparecer, formando um estilo próprio e diferente do modelo matuto.

grosseiras, caricatas, vão desaparecendo gradativamente, como nos mostra Neto (2009, p.42).

Além das mudanças estéticas, novos personagens aparecem e se destacam entre as roupas padronizadas da cena junina estilizada, entre eles estão os cangaceiros (como Lampião e Maria Bonita), ciganos, sinhás e sinhozinhos. Além do forró, música tradicional das quadrilhas matutas, a musicalidade das quadrilhas estilizadas adquire novos instrumentos e influências rítmicas como axé-music, lambada e outros estilos sonoros que faziam sucesso durante as décadas de 1980 e 1990. Inclusive, o próprio forró passou por um processo de modernização se tornando mais elétrico com a presença de bateria, guitarra e contrabaixo, além da sanfona.

Outra característica importante de mencionar aqui é o apego pela sincronia dos passos detalhadamente estabelecidos e constantemente ensaiados pelos quadrilheiros durante o período que antecede o mês do São João. Com a coreografia na ponta do pé guiada pela música, o marcador assume uma nova função: além de coordenar os passos, ele agora anima e busca interação com a plateia, tendo em vista que esse estilo de quadrilha junina agora participa de competições e apresentações públicas ou privadas. Hugo Menezes Neto ainda nos mostra que:

O ponto mais importante para a compreensão das quadrilhas estilizadas concentra-se na retirada do matuto da posição de centralidade simbólica ocupada anteriormente. No bojo desse processo de realocação há uma recusa da caricatura como forma de apresentação do universo rural. (NETO, 2009, p. 43 - 44).

Desse modo, as quadrilhas estilizadas configuram uma nova forma de recriar a tradição em forma de espetáculos exaustivamente ensaiados trazendo novos elementos que possibilitam maior liberdade no processo criativo propondo a cada novo espetáculo, um novo olhar, uma nova roupagem, e uma forma de se apresentar aos espectadores sem a obrigatoriedade da referência na tradição matuta reforçando assim, uma relação simbólica dicotômica entre o rural e a cidade, o matuto e o homem urbano, o selvagem e o civilizado. É através da inversão do modelo de quadrilha junina matuta, que a quadrilha estilizada ganha forma e se mantém viva. Mesmo com essa nova modalidade, as quadrilhas matutas não deixaram de existir, muito pelo contrário, nos concursos de quadrilhas a presença do estilo

matuto é notória, inclusive podendo existir os dois estilos (matuto e estilizado) em uma só quadrilha junina.

Não se pode negar que o surgimento do modelo estilizado promoveu uma revolução no sentido em que as novas gerações de quadrilheiros romperam de vez com o discurso hegemônico sobre o rural, o interior e o sertão, pois como aponta Chianca (2007, p.55), o que houve de fato foi uma mudança na forma da representação simbólica que os cidadãos fazem sobre o matuto e não uma mudança estrutural no sentido do que significa o matuto em si.

Assim, partindo do princípio de que essas novas formas de interpretações dos símbolos, instituições e valores sociais relacionadas ao São João propõe uma nova abordagem de perceber o homem do campo e do migrante, resta saber quem são os atores sociais que criam, recriam, transformam e conservam a tradição das quadrilhas juninas e como se dá essa dinâmica de construção cultural. Essas e outras questões podem ser respondidas nos capítulos seguintes onde irei relatar minhas observações de campo referente ao XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa que aconteceu em 2019 e foi organizado pela Prefeitura Municipal da cidade.

CAPÍTULO 2 - História, regulamento e bastidores de um concurso Municipal de Quadrilhas Juninas.

“Aqui se você bater numa lata só, no meio da rua, o povo já corre para assistir porque o povo já está acostumado com isso”. (Edson Pessoa, organizador do concurso de quadrilhas juninas de João Pessoa).

2.1. Sobre um dos principais organizadores do Concurso

Durante esta pesquisa de campo, tive a oportunidade de conhecer Edson Pessoa, um dos principais organizadores do Concurso de Quadrilhas juninas da cidade. Além de ter sido presidente da Organização das Quadrilhas do Nordeste durante 4 anos, foi também presidente da Federação Paraibana de Quadrilhas Juninas por 8 anos, onde segundo ele, atualmente existem em todo o Estado da Paraíba, cerca de 140 quadrilhas juninas.

Hoje, com 60 anos de idade, Edson é diretor da Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa e uma importante figura não apenas em relação ao concurso de quadrilhas, mas também pelo seu envolvimento com os desfiles do Carnaval Tradição¹⁰. Edson aparece nesse trabalho como meu principal informante e foi em sua residência que pude entrevista-lo.

Natural de Patos – PB, Edson veio morar em João Pessoa ainda criança com os seus pais que viram na Capital, João Pessoa, uma nova possibilidade de crescer economicamente. Morando no bairro do Roger desde sua chegada no início dos anos 1960 a João Pessoa, Edson começou a dançar ainda criança na quadrilha junina infantil Lajeiro Seco (Roger), que na época se chamava Fazenda¹¹ Lajeiro Seco. Com o passar dos anos, Edson foi crescendo e já em sua fase adulta, foi noivo e marcador dessa mesma quadrilha onde conheceu a sua atual esposa.

Aqui no bairro do Roger temos duas quadrilhas, a Lajeiro Seco e a Paraíba, e eu digo a você que alas envolvem para mais de quatro mil pessoas por ano. O Roger para mim é o berço da cultura pessoense, aqui temos as quadrilhas juninas, as escolas de samba, as Ala Ursas¹², os terreiros de

¹⁰ O Carnaval Tradição é um evento que acontece anualmente na cidade de João Pessoa promovido pela Funjope com o objetivo de proporcionar desfiles das agremiações carnavalescas da cidade. Entre os participantes deste desfile encontram-se: Escolas de Samba, Tribos Indígenas, Clubes de Orquestras de Frevo e Ala Ursas.

¹¹ De acordo com Edson Pessoa, por volta dos anos 1960/1970 todas as quadrilhas de João Pessoa se chamavam Fazenda. Personagens como coronéis, capatazes e vaqueiros, eram importantes na composição das quadrilhas dessa época.

¹² Ala Ursa consiste em uma expressão cultural típica do carnaval Nordestino formada por um homem vestindo um macacão coberto de estopa, veludo, pelúcia ou agave com uma máscara de urso feita de papel machê pintada

umbanda, o teatro, as rodas de capoeira, temos também a casa pequeno Davi¹³, o Piolin, artistas plásticos, cordelistas. (Edson Pessoa em entrevista feita em 17/03/2020)



Figura 2. Edson Pessoa em sua residência, 2019. João Pessoa – PB.
Fonte: Felipe Lemos.

Em entrevista, Edson nos contou que desde os anos 1970 os concursos de quadrilhas juninas já existiam em João Pessoa e nessa época eles eram organizados pela Associação de Quadrilhas da cidade tendo como seu presidente o radialista Cardivando de Oliveira, que ainda hoje é uma pessoa respeitada e conhecida entre a comunidade quadrilheira no que diz respeito ao seu trabalho na manutenção da tradição das quadrilhas juninas e do Carnaval de Rua em João Pessoa.

A Funjope ainda não existia nessa época, veio surgir só a partir de 1995 para cá. Quem organizava os concursos antigamente era a Secretaria de Turismo que funcionava ali no centro da cidade, perto da “Lagoa”¹⁴. (Edson Pessoa)

de cores variadas, preso pelo seu domador. O Urso desfila a um som que pode variar entre baião, forró, frevo e outras variantes musicais.

¹³A Casa Pequeno Davi é uma Organização não Governamental que está localizada no bairro do Roger e desenvolve atividades educacionais, artísticas, culturais e esportivas com crianças e adolescentes da região metropolitana de João Pessoa visando sua formação para a cidadania.

¹⁴ Conhecido como “Lagoa”, o Parque Sólon de Lucena é um espaço público localizado no centro da cidade de João Pessoa. É um dos cartões postais da cidade caracterizado por uma grande lagoa de formato circular cercada por áreas verdes com palmeiras e coqueiros.

Segundo Edson, foi em janeiro de 2003 que surgiu a Federação das Entidades de Quadrilhas Juninas da Paraíba (FEQUAJUNEPB) que ainda hoje tem como objetivo difundir os festejos juninos nordestinos destacando a importância das quadrilhas juninas considerando as mesmas como patrimônio cultural do Brasil.

Como falei anteriormente na introdução deste trabalho, tive dificuldades no acesso a documentos oficiais sobre as edições anteriores dos concursos de quadrilhas de João Pessoa assim também como registros históricos sobre as edições iniciais. A minha fonte para obter dados históricos e desenvolver o início desse capítulo foi a História Oral narrada por Edson Pessoa. Esse método de pesquisa qualitativa aparece neste trabalho como uma ferramenta metodológica que nos possibilita o acesso a memória do entrevistado através de sua capacidade de lembrar o passado enquanto testemunha viva desses acontecimentos.

Peter Burke (2000) descreve a memória como uma reconstrução do passado, uma vez que lembrar e escrever sobre ela não são atividades ingênuas e inocentes, mas sim, é através da memória que podemos identificar acontecimentos públicos significativos para nós e nosso grupo social incorporados e filtrados pelas nossas estruturas comportamentais. Com base nessa abordagem, a memória deve ser interpretada como uma construção feita no presente a partir de vivências que aconteceram no passado considerando a relação do indivíduo com o seu meio social, estando sujeito a influências, como também influenciando os grupos aos quais pertencem e se identificam.

2.2. Aspectos gerais do regulamento

Cada festival de quadrilha tem o seu próprio regulamento que em geral é construído coletivamente com os organizadores e participantes do evento levando em consideração a dinâmica de funcionamento, apresentação, organização, julgamento e premiação das quadrilhas participantes. É possível notar, a partir do regulamento, uma série de regras fundamentais para a realização do concurso onde o mesmo é visto com muita seriedade entre a comunidade quadrilheira. Sobre este contexto, Chianca (2006, p. 149) ressalta: “nos grandes concursos, os grupos não se reúnem ‘para brincar’, mas para ‘uma briga’ séria, na qual buscam obter maior reconhecimento público de suas qualidades de artistas, cidadãos e

cidadãos”. Desse modo, durante esta pesquisa pude ter acesso ao regulamento do XXIII Concurso de Quadrilha Junina de João Pessoa e a seguir, comentarei seus principais pontos.

Segundo Edson Pessoa, ocorrem reuniões semanais na Sociedade Beneficente 02 De Setembro¹⁵ que fica na Rua Juiz Gama e Melo localizado no bairro do Roger, onde todos os líderes das quadrilhas de João Pessoa conjuntamente fazem suas avaliações e debates, com a finalidade de melhorar o desempenho tanto da organização do evento quanto das quadrilhas participantes do festival. Primeiro, os quadrilheiros fazem as avaliações internas em suas próprias quadrilhas e em seguida levam-nas para as reuniões da Liga das Quadrilhas Juninas onde cada um traz as suas demandas, suas sugestões, suas opiniões e suas propostas para construir o regulamento do concurso. Cada ano esse regulamento vai se adequando de acordo com as necessidades e interesses dos participantes e segundo E. Pessoa, sempre se respeita um sistema de participação direta e democrática. Em 2019, o regulamento foi discutido e aprovado na Assembléia Geral Extraordinária no dia 25 de março pelos Dirigentes de Quadrilhas Juninas do grupo “A” e grupo “B”¹⁶, filiados a Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa, só podendo ser reformulado em 2020.

De acordo com o regulamento, a ordem de apresentação das quadrilhas é definida a partir de um sorteio realizado previamente reunindo a Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa, os líderes das diversas quadrilhas participantes e o representante da Funjope. A data e hora das apresentações não poderão ser negociadas entre os grupos quadrilheiros e a ordem das apresentações que é estabelecida não admite modificações nem trocas entre grupos.

Nessa mesma ocasião fica estabelecido que cada quadrilha se compromete a mandar sua sinopse durante o período de inscrição do concurso com o tema já definido. Antes mesmo das apresentações começarem, os jurados já possuíam as sinopses de todas as quadrilhas participantes em mãos. Desse modo, a avaliação já começa antes mesmo do espetáculo começar propriamente.

O regulamento mostra que deve ser obrigatório para cada quadrilha apresentar os seguintes personagens: o marcador (ou animador), o padre e o casal de noivos. A pena para o não cumprimento dessa regra fará com que a quadrilha perca 5 pontos no somatório da nota final.


¹⁵ É uma instituição localizada no bairro do Roger que funciona como a Sede da Liga das Quadrilhas Juninas. Esse espaço, em geral é utilizado pela a comunidade quadrilheira para reuniões.

¹⁶ A dinâmica dos grupos “A” e “B” será melhor explicada no capítulo 3 deste trabalho.

Em 2019 a comissão julgadora foi composta por cinco membros de outras cidades ou Estados indicados pela Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa e aprovados pelos representantes das quadrilhas dos grupos “A” e “B”, como afirma Edson Pessoa em entrevista:

Os jurados (ou avaliadores) que nós trazemos para o festival de João Pessoa, moram em outros Estados. É consenso entre nós da organização não permitir jurados daqui de João Pessoa, não porque eles não saibam avaliar, eles sabem muito bem, mas pode existir um risco de algum jurado da cidade favorecer uma quadrilha de sua simpatia, de sua ligação. Fica um pouco mais caro, mas é necessário para garantir a impessoalidade neutralizando a possibilidade de influências no resultado final da avaliação. (Edson Pessoa).

Na próxima página, temos a ficha de inscrição que é preenchida para formalizar o registro no Concurso. Apesar dessa ficha ser bastante precisa, como vemos na imagem, dando informações sobre os bairros e tipo de acompanhamento musical por exemplo, não obtivemos acesso às mesmas, apesar de havermos solicitado:



LIGA DAS QUADRILHAS JUNINAS DE JOÃO PESSOA
 Rua. Olavo Bilac n.º 100 – Tambiá – CEP 58.020-570 João Pessoa – Paraíba – Brasil
 CNPJ – 06.054.402/0001-55

FICHA DE INSCRIÇÃO DO XXIV CONCURSO DE QUADRILHAS JUNINAS DE JOÃO PESSOA 2020

Nome do Grupo:		
Endereço:	Bairro:	Cep:
Cidade: João Pessoa	Estado: Paraíba	

DADOS DA SAÍDA DA QUADRILHA JUNINA

Local:	Cidade: João Pessoa PB	
Estado: Paraíba	Data:	Horário:

PREVISÃO DA CHEGADA NO CONCURSO

Local: Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Reis) Centro	Cidade: João Pessoa PB	
Estado: Paraíba	Data: 12 a 14/06/2020	Horário: A partir das 19h00m
Estilo da Sonoplastia: Regional () CD () DVD ()	Nr de microfones necessários para voz:	
Instrumentos Utilizados: Sanfona () Zabumba () Triângulo () Baixo () Violão () Guitarra () Bateria () Percussão () Outros ()		
Nome do Coordenador da Quadrilha:		
Data de Nascimento:	RG:	CPF:
Fone de contato:	Email:	
Endereço:	Cep:	

DADOS DA COMITIVA

Quantidade Dançarinos:	Quantidade contra regras:	Quantidade Músicos:	Tema:	Total:


CONTATOS DOS RESPONSÁVEIS

Nome:	Fone: ()	Operadora: () Oi () TIM () CLARO () VIVO
Nome:	Fone: ()	Operadora: () Oi () TIM () CLARO () VIVO
Nome:	Fone: ()	Operadora: () Oi () TIM () CLARO () VIVO

Assinatura do Responsável da Quadrilha Junina

Figura 3. Ficha de inscrição para o XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa.
 Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Fica estabelecido também que até o dia 06 de abril, todas as quadrilhas têm a obrigação de enviar para a Liga das Quadrilhas Juninas toda a ficha técnica da sua quadrilha, ou seja; sanfoneiro caso tenha, o número de participantes da dança, o número de costureiras, o número de artistas envolvidos na parte cênica e etc. O líder de cada quadrilha precisa mandar todas as fichas técnicas de seus integrantes para a Liga e depois de tudo isso, será feito um sorteio na presença de todos para poder estabelecer a programação e os horários das apresentações, como afirmou Edson em entrevista. Na imagem abaixo temos como exemplo o modelo de ficha técnica da quadrilha Nação Matuta (Valentina / Cuiá, ainda não preenchida):



LIGA DAS QUADRILHAS JUNINAS DE JOÃO PESSOA
Rua. Olavo Bilac n.º 100 – Tambiá – CEP 58.020-570 João Pessoa – Paraíba – Brasil
CNPJ – 06.054.402/0001-55

Ficha de Cadastro de Dançarino, Coordenadores, Músicos, Costureiros (as),
Coreógrafos, Contra-regras, Apoios, Prestadores de Serviços etc. 2020

Quadrilha Junina Nação Matuta

Nome: _____

RG. _____ Órgão Expedidor _____ CPF. _____

Setor que atua na Quadrilha Junina Nação Matuta:

() Coordenação () Dançarino () Músico () Costura () Coreógrafo () Contra regra
() Prestador de Serviço

Endereço do Participante: _____

Escolaridade: _____

Telefones para contatos: _____ / _____

TERMO DE COMPROMISSO COM A QUADRILHA JUNINA NAÇÃO MATUTA
(Pessoa Física)

Comprometo a cumprir com as determinações decididas por todos que integram na Quadrilha Junina Nação Matuta, faço saber que cumprirei com as normas, na condição de _____ com a referida Quadrilha Junina na íntegra, sob pena de não participar de outra Quadrilha Junina no ano em curso, exceto, para prestadores de serviços que não estejam impedidos pelo regulamento do Concurso das Quadrilhas Juninas de João Pessoa

Assinatura _____

João Pessoa, _____ de _____ de 2020

Figura 4. Ficha de cadastro individual para cada integrante de uma quadrilha junina.
Fonte: Felipe, Lemos.

2. 3. Os Jurados e a avaliação das apresentações das quadrilhas

Os jurados são escolhidos pela coordenação do evento, formados geralmente, por profissionais que já possuem experiência em julgar concursos ou que estejam envolvidos na área artística e cultural de outros estados do Brasil.

As apresentações das quadrilhas são avaliadas segundo oito itens, sendo que eles compõem uma totalidade que pode ser sintetizada em 3 partes: entrada, núcleo da apresentação (com auge no casamento) e saída do grupo do espaço do arraial. Outros elementos compõem a avaliação como o importante marcador, o figurino, a música, a coreografia.

Os tópicos da avaliação dos jurados pré-estabelecidos no Regulamento, são: 1. A entrada no arraial, 2. O Marcador, 3. A Coreografia, 4. O Figurino, 5. O Repertório musical, 6. O Conjunto, 7. O Casamento e 8. A Saída do arraial. Cada um desses aspectos será aqui explicado.

Por **Entrada no Arraial**, os jurados avaliam a clareza da história contada (o enredo) e a fidelidade ao tema abordado pela quadrilha, assim como a organização de todo o cenário e a posição da quadrilha no arraial durante os momentos iniciais da apresentação.

O **Marcador** é a autoridade central do grupo durante sua apresentação. Ele ordena os passos e as sequências e conduz o grupo para uma apresentação harmoniosa e bem-sucedida, segundo os objetivos do grupo. Como responsável pela sequência dos passos que ele “marca”, ou seja, define, ele é considerado por muitos como “a alma” da quadrilha.

A **Coreografia** é o elemento no qual os jurados analisaram os passos das danças de todos os integrantes assim como, graça, leveza, elegância, postura e criatividade. Destaca-se a quadrilha que apresentar novos estilos coreográficos, sem perder o pé na tradição.

Chama-se de **Figurino** o item que leva em consideração a harmonia e o equilíbrio das cores nas roupas dos dançarinos, valorizando o material utilizado nas confecções, os acessórios e adereços dos participantes em relação ao tema abordado pela quadrilha.

O **Repertório musical** considera as músicas utilizadas na apresentação, sua escolha, o sequenciamento delas, a sua “beleza” e a consistência com a coreografia, figurino e com

os temas considerados juninos. As músicas podem ser gravadas ou ao vivo dependendo dos recursos que cada quadrilha possui contanto que façam parte do ciclo junino.

O que se chama “**Conjunto**” é a totalidade da apresentação de cada grupo e considera o equilíbrio entre as partes (entrada, núcleo, casamento e saída) sendo também importante o critério estético, o tempo utilizado, o dinamismo e a empolgação dos dançarinos e até mesmo as reações do público. Também entram nessa avaliação a sincronia dos quadrilheiros com os passos realizados, suas interações com os cenários e o desenvolvimento do espetáculo como um todo.

O Casamento é o casamento matuto das quadrilhas, ritual que simboliza a união entre o casal de noivos perante todo o Arraial. Esse item é um dos mais aguardados pelo público e segundo o regulamento, deve ser analisado pelo júri como um ato dramático dotado de performances teatrais. Observam-se os figurinos dos personagens da cena, a entrada e saída dos noivos, a cerimônia de casamento, a direção e interpretação, as falas e o roteiro. O roteiro da cerimônia de casamento precisa ser claro e objetivo possuindo início, meio e fim.

A Saída do arraial considera o encerramento e a despedida das quadrilhas no arraial observando os passos coreográficos a desenvoltura dos personagens em relação a finalização do espetáculo.

A banca dos jurados é responsável por atribuir notas de 8 a 10 por cada quesito, sendo que duas menores e uma maior serão descartadas da contabilidade final de pontos.

Está estipulado também no Regulamento que após a avaliação do júri as três últimas quadrilhas colocadas do grupo “A” serão rebaixadas para o grupo “B”, e que as três vencedoras do grupo “B” são promovidas e passam para o grupo especial “A”.

Sobre proibições, o regulamento aponta que deve ser vetada a utilização de fogos explosivos de artifício e similares dentro do arraial, antes ou durante as apresentações dos participantes, sendo aceito o uso de “traques de massa”.

Não será permitida a veiculação por parte dos quadrilheiros, de propaganda política ou agradecimentos a qualquer pessoa pública (candidata ou com cargo eletivo), sob a pena de desclassificação.

Sobre a entrega da premiação, o regulamento nos mostra que as três primeiras quadrilhas colocadas de cada grupo receberão os troféus, mais os valores em dinheiro a partir de uma data marcada pela Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa. Esses prêmios são custeados e ficam sob a responsabilidade da Funjope.

2.4. Os bastidores de um Concurso Municipal

Em relação aos bastidores e preparativos das quadrilhas para o concurso, Edson Pessoa disse em entrevista que o projeto do festival é também importante na capacitação e qualificação profissional das pessoas ali presentes, porque:

Eu tenho aqui em João Pessoa, pessoas de dentro da quadrilha que hoje eles costuram vários figurinos para as quadrilhas do Brasil, da Paraíba e daqui de João Pessoa. Eles têm máquinas de costuras e ateliês só para costurar figurinos de quadrilha, nós temos fabricas de sapatos personalizados só para a quadrilha e que movimenta o comércio da cidade e das comunidades envolvidas. A quadrilha movimenta a comunidade trazendo aquele jovem da ociosidade para o seu leito, seu seio da cultura para que ele saia daquele meio de risco, de drogas e de vícios e a gente trabalha ele dentro da quadrilha e ele se torna muitas vezes um dançarino, um coreógrafo, um figurinista, um músico, um costureiro, um adrecista. Então a quadrilha deixou de ser a quadrilha que se fazia só para brincar o São João na época do “*alavantú e anarriê*” e ela se transformou numa quadrilha espetáculo onde cada uma tem a sua própria indumentária, cada uma apresenta um tema diferente da outra. (Edson Pessoa).

Como exemplo, Edson ainda falou sobre uma das quadrilhas do seu bairro, a Quadrilha Junina Lajeiro Seco, que em 2019 apresentou o tema da Ribeira, abordando o povo ribeirinho, lavadeiras de roupas, das pessoas que trabalham e vivem da pesca, do rio. Assim cada uma das quadrilhas vai fazendo suas temáticas.

Ainda de acordo com Edson, anteriormente o conjunto musical era fundamental na composição da quadrilha: o chamado trio pé de serra era obrigatório, mas sendo difícil encontrar recursos e dinheiro para montar um espetáculo desse porte, foi retirado do regulamento e deixou de ser obrigatório.

Sobre a importância das quadrilhas juninas em João Pessoa e também dos festivais, Edson afirma que só é possível pensar a quadrilha junina como espetáculo hoje se houver o concurso ou festival junino:

Nesse tempo que estamos vivendo hoje, a quadrilha junina não sobrevive sem os concursos. Às vezes elas não se importam nem com a premiação, pois se gasta muito mais. Para você ter noção, tem quadrilha aqui no Roger que gasta mais de cem mil reais para montar um espetáculo completo. As

premiações dos concursos não são quase nada perto do que se gasta. O que importa é a satisfação da competição, de estar na sua comunidade durante seis ou sete meses de ensaio envolvendo toda a comunidade porque ali também estão os familiares dos brincantes quadrilheiros¹⁷ e eles fazem questão que sua família participe de algum modo, seja com apoio financeiro através de realizações de bingos, feijoadas beneficentes, pedágios e quermesses para arrecadar recursos, seja como apoio moral e afetivo. (Edson Pessoa).

As quadrilhas de competição se estendem a vários bairros de João Pessoa o que revela a diversidade de grupos e a complexidade das relações estabelecidas, pois todas as quadrilhas envolvidas encaram o concurso de maneira séria onde as comunidades¹⁸ investem seu tempo, seus recursos materiais, seus sonhos e projetos com a finalidade de participar de uma competição que revela as disputas internas e externas dessas comunidades.

Desse modo, é muito importante compreender a ligação entre as comunidades e as quadrilhas juninas, pois essa última dificilmente vai conseguir existir sem as relações de troca e apoio coletivo estabelecidos no cotidiano das comunidades.

A partir do depoimento de Edson Pessoa, podemos perceber que o envolvimento das comunidades na produção das quadrilhas juninas se faz importante porque mobiliza os moradores daquela região reforçando laços de vizinhança como também a autonomia dos sujeitos em relação aos elementos que farão parte do espetáculo e os elementos que serão descartados por eles. Os ensaios e preparativos dos espetáculos começam em torno de 5 ou 6 meses de antecedência e geralmente são realizados em ginásios de escolas públicas da própria comunidade.

Cada grupo de quadrilha pode ter mais de 100 pessoas envolvidas na produção (incluindo dançarinos, músicos, figurinistas, costureiras, coreógrafos, artistas plásticos, fornecedores de matérias primas, marceneiros, familiares, pequenos patrocinadores, entre outros. Esta vasta rede de relações sociais é fundamental para a construção e manutenção das quadrilhas tendo em vista que a grande maioria dos dançantes são jovens estudantes de classes menos favorecidas ou trabalhadores urbanos, o que dificulta e restringe o investimento financeiro de todos, ao mesmo tempo em que se impõe como um desafio a ser superado pela criatividade e soma de esforços coletivos.

A busca por patrocinadores é essencial e o sucesso de uma quadrilha junina depende não apenas do empenho individual, mas também do poder de articulação que os integrantes

¹⁷ Quadrilheiros são as pessoas que dançam e produzem o espetáculo da quadrilha junina.

¹⁸ Aqui se entende por comunidade o espaço simbólico e territorial onde os grupos estabelecem vínculos de pertencimento. (Menezes Neto, 2009).

dessas quadrilhas (ou líderes delas) tem em relação com outros grupos, indivíduos ou instituições externas a comunidade.

É nesse contexto que devemos observar o sentido da agência dos grupos envolvidos na produção da quadrilha junina, perceber essas relações (geralmente perpassadas pelo investimento afetivo) como condicionantes das escolhas estéticas e políticas do processo de construção dessas apresentações:

Por um lado, o agente sempre está inserido em relações de (pretensa) solidariedade – família chegada, amigos, parentes, esposos/companheiros filhos, pais, professores, padrinhos, e assim por diante. (...) Por outro lado, o agente está sempre enredado em relações de poder, de desigualdade, de competição e assim por diante. (ORTNER, 2007, p.47. apud CHIANCA, 2018, p.131).

Assim, de acordo com Chianca (2018, p.132), os Concursos de quadrilhas juninas são ocasiões excepcionais de circulação de imagens e dos projetos (estéticos, políticos e culturais) de cada bairro ou comunidade representada simbolicamente por grupos de quadrilhas, que adquirem, por meio da dinâmica da competição, acesso a uma visibilidade social mais ampla, seja pela transmissão ao vivo do evento, seja por meio de uma publicidade ou matéria, site, ou algum comentário nas redes sociais.

CAPITULO 3 - DIÁRIO FOTOETNOGRÁFICO: O XXIII Festival de Quadrilhas Juninas de JP em perspectiva.

Potencializando a agitação e a rivalidade entres os grupos de quadrilhas de diversos bairros, municípios e estados, e propondo uma versão espetacularizada das performances quadrilheiras, os Concursos de Quadrilhas Juninas começaram a aparecer no Nordeste do Brasil em meados dos anos de 1950/1960 com uma configuração mais tímida, premiações mais simples e visibilidade restrita aos bairros ou municípios (CHIANCA, 2013).

Foi só a partir dos anos 1980/1990 que as grandes redes de televisão começaram a enxergar, nas quadrilhas juninas, seu potencial de marketing ~~e que~~ possibilitou uma maior expansão e interesse por parte das comunidades quadrilheiras assim também como o público em geral, como afirma Menezes Neto (2009, p.86). Hoje, as quadrilhas juninas devem ser pensadas como expressões culturais que envolvem toda uma rede de relações e atividades das comunidades, como atestam as palavras do presidente da Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa:

A Quadrilha Junina hoje é uma cadeia produtiva, ela não é só uma dança, ela não é só o espetáculo, a quadrilha junina hoje ela não é só a parte cênica não. A quadrilha hoje, além de ser um espetáculo lindo, bonito e maravilhoso, ela é também essa cadeia que produz a parte cênica porque eles constroem cenários que são caríssimos, eles constroem o figurino criado por eles mesmos que não são figurinistas de fora, são deles mesmos. As costureiras são daqui da comunidade, eles compram os tecidos, as pedrarias para fazer aquele trabalho de destaque que é o casal de noivos, a rainha e agora que a gente colocou também a rainha da diversidade. (Edson Pessoa, organizador do concurso, em entrevista feita no dia 16 de março de 2020).

De fato, esse personagem relativamente novo nas quadrilhas juninas de João Pessoa me chamou a atenção não só nas apresentações dos grupos durante o concurso, mas também durante minha entrevista com Edson. Perguntado sobre o que se tratava, ele me respondeu que essa personagem surgiu no cenário das quadrilhas a partir de uma demanda vinda da própria comunidade quadrilheira onde:

Os gays, né, eles dançam muito nas quadrilhas juninas mais hoje que antes, por causa do preconceito não era permitido. Hoje eles dançam e se transformam e muita gente nem percebe que eles são gays, um homem. Isso tudo é um trabalho de inclusão e de respeito ao ser humano e que nas

nossas quadrilhas não há homofobia, não há esse preconceito na nossa cultura, não existe. (Palavras de Edson Pessoa, organizador do concurso, em entrevista).

A rainha da diversidade consiste em um homem que se caracteriza de mulher exclusivamente para participar do espetáculo da quadrilha, forma com que a comunidade quadrilheira incluiu um grupo de pessoas que anteriormente, devido ao preconceito, não tinham a oportunidade de se aproximar das produções quadrilheiras.



Figura 5. Rainha da Diversidade em movimento.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 6. Figura representativa do matuto.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Devemos observar a quadrilha junina, segundo Edson Pessoa, não como algo estático no tempo, mas sim como uma manifestação artística e cultural que se modifica a partir do seu contexto social e das demandas daqueles que criam e recriam essas manifestações. Ao ser questionado sobre a obrigatoriedade da rainha da diversidade nas quadrilhas concorrendo ao XXIII Concurso, Edson responde que:

Não, não é obrigatório, é espontâneo. Mas ultimamente está crescendo porque aí a gente vai deixar de ser popular se a gente disser que tem que ter, então ela é popular porque a comunidade quadrilheira achou necessário, houve interesse. Então a gente enquanto organizador, abraça, mas não vamos impor nada de forma alguma. Então não são todas as quadrilhas que tem a rainha da diversidade, mas as que tiverem serão avaliadas e premiadas, serão também enfaixadas como tal, como as outras também são. Porém alguns elementos são obrigatórios para a avaliação das quadrilhas como por exemplo o casamento, o marcador, o padre. Então

esses elementos são pontuais para não perdermos a identidade de que aquilo ali é uma quadrilha junina. (Edson Pessoa em entrevista).

A partir das minhas observações de campo, pude acompanhar os três dias de apresentações do XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa, que aconteceu no ano de 2019.

Pontualmente iniciado às 19:00 em uma das praças mais agitadas no centro da cidade, o Ponto de Cem Réis¹⁹, este festival foi realizado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), por meio de sua Fundação Cultural (Funjope) em parceria com a Liga das Quadrilhas Juninas. O evento foi gratuito, aberto ao público e recebeu em média duas mil pessoas por dia, entre elas, crianças, jovens, adultos e idosos, compondo o intitulado “São João do Jeito da Gente”, que envolveu várias atividades em torno das celebrações do São João. Esse ano, a Prefeitura homenageou o centenário de Jackson do Pandeiro, grande músico paraibano que é referência também no universo musical do forró, estilo de música e dança também muito presente na festa junina de João Pessoa.

Em nota divulgada à imprensa, a Funjope informou que, devido às fortes chuvas que haviam caído nas últimas horas na Capital, a abertura do XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa, que aconteceria da quinta-feira, dia 13 foi adiado para o dia 14, na sexta até o dia 16 de junho. A Funjope esclareceu que o adiamento seria necessário para garantir a segurança e o conforto dos participantes e do público em geral. Mesmo com o adiamento, uma chuva leve ainda se fez presente durante os três dias de concurso, que, apesar



Figura 7. Perspectiva da arquibancada
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

¹⁹A Praça André Vidal de Negreiros, conhecida como *Ponto de Cem Réis* é um espaço público localizado no centro de João Pessoa que acolhe vários tipos de eventos como shows, concursos, apresentações, palestras, e etc.

do desconforto seguiu firme e forte com muita animação, disposição dos participantes e do público, respeitando todos os critérios da competição.

3.1. O espaço físico do Concurso

Em relação à estrutura física onde aconteceram as apresentações, foi disponibilizado um pavilhão com o tamanho aproximado de quinze por trinta metros, incluindo arquibancadas com capacidade para duas mil pessoas, vinte e dois banheiros químicos, sendo quatro de acessibilidade para deficientes físicos. Também havia um posto médico para uma equipe do Samu e mais um posto para a Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e Guarda Civil Municipal. Segundo os organizadores, toda a festa foi pensada para garantir a segurança da população ali presente, contando com apoio de diversos órgãos e secretarias da Prefeitura Municipal de João Pessoa entre as quais podemos destacar a Secretaria de Infraestrutura (Seinfra), Secretaria do Meio Ambiente (Semam), Secretaria do Desenvolvimento Urbano (Sedurb), Secretaria de Comunicação (Secom), além da superintendência de Mobilidade Urbana (Semob) e Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur).

Para além da Polícia Militar e toda parte de apoio, é possível notar também ao redor do pavilhão a presença de comerciantes ambulantes que aproveitam a agitação do festival para vender comidas e petiscos como espetinho de carne, milho assado, milho cozido, pamonha, canjica e feijoada, além de bebidas alcoólicas como cachaça, caipinha e cerveja. Esses ambulantes estão presentes não apenas em pontos fixos fora do Pavilhão, mas também circulando individualmente entre as arquibancadas com caixas de isopor contendo bebidas variadas.



Figura 8. Vendedora de bebidas alcoólicas.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 9. Calçada por trás do Pavilhão – Comerciantes.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Além de bebidas, alguns carregam guloseimas como pipoca, jujubas e doces em geral, atraindo também o público infantil que está ali acompanhado pelos pais, avós, irmãos e familiares.



Figura 10. Vendedor de milho cozido na arquibancada.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 11. Criança atenta observando as apresentações.

Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Um conjunto de vinte e quatro quadrilhas juninas estavam inscritas no XIII Concurso, porém algumas delas tiveram seus equipamentos e cenários comprometidos pela chuva que insistia em cair, atrapalhando o evento, e resultando inclusive até, em eliminação por atraso, como foi o caso da quadrilha Fulô do Serrado, tendo em vista que cada quadrilha junina estava programada para se apresentar em um determinado horário previamente estabelecido pela comissão organizadora.

Cada quadrilha tem um tempo pré-estabelecido para se apresentar, como já vimos no regulamento (Capítulo 2). Cabe destacar, porém que as quadrilhas maiores, do grupo “A” (que são dez), apresentam um espetáculo maior e com temáticas mais elaboradas, mais completas. É neste grupo que encontramos as quadrilhas que demonstram mais investimentos, e consequentemente maior acesso a materiais de maior apelo visual como adereços, pedrarias, caracterização mais chamativa e outros recursos que “enchem” os olhos da plateia.

Já no grupo “B” podemos observar uma menor presença de investimentos materiais embora sejam mais simples, menos complexas, porém tão bonitas quanto as demais.

Essa distinção entre grupos é fundamental para realçar a dinâmica competitiva que se estabelece no concurso reanimando as suas aproximações e estimulando as suas rivalidades, pois esses grupos são originários de diversos bairros da cidade e é através do concurso de quadrilhas que os mesmos demonstram, simbolicamente, seu lugar de origem, sua identidade, e se possível sua “superioridade” nesse fazer cultural.

Esses concursos são ocasiões excepcionais de circulação de imagens e dos projetos estéticos, políticos e culturais de cada grupo que, através deles, têm acesso a uma visibilidade social mais ampla, seja pela transmissão ao vivo do evento, seja por meio de uma publicidade ou matéria de jornal televisivo. (CHIANCA, 2013, p234).



Figura 12. Interação entre quadrilha e público durante os momentos iniciais da apresentação.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

3.2. A sequência do Concurso: como ele ocorre

As quadrilhas do grupo “A” têm vinte e cinco minutos para apresentar seus espetáculos, além dos dez minutos para organizarem seu repertório musical e montarem seus cenários e a entrada no arraial. Nestes dez minutos preliminares, o marcador de cada quadrilha pode testar os equipamentos de som e animar a arquibancada, como também apresentar um pouco do seu tema para o público em forma de diálogo, com o auxílio do microfone.

As apresentações que estavam previstas na sexta-feira, dia 14 de Junho de 2019, foram o total de oito quadrilhas, sendo três do grupo “B” e cinco do grupo “A”. No sábado, dia 15 junho, foram apresentadas mais três quadrilhas do grupo “B” e cinco do grupo “A” e no domingo, último dia do concurso, foram apresentadas oito quadrilhas do grupo “B”.

A comissão avaliadora foi composta por cinco jurados que analisaram os oito quesitos que compunham as apresentações das quadrilhas juninas como já foi apresentado anteriormente.

De acordo com os organizadores do XXIII Festival, em 2019 a premiação foi de 18.000,00 reais para o grupo A (sendo 8.000,00 para a primeira colocada, R\$6.000,00 para segunda e R\$4.000,00 para a terceira), enquanto que as quadrilhas do grupo B, dividiram o valor de R\$10.000,00 reais (R\$5.000,00 para a primeira colocação, R\$3.000,00 para a segunda e R\$2.000,00 para a terceira). De acordo com o edital 25/2019, a PMJP (por meio da Funjope) investiu cerca de R\$339.4000,00, beneficiando 22 quadrilhas juninas, das quais são 9 do grupo A e 13 do grupo B.

Também em 2019, as quadrilhas programadas para participar do XXIII Festival de Quadrilhas Juninas de João Pessoa dos grupos “A” e “B” foram as seguintes: Quadrilha Junina Pindura Saia (Bairro da Torre), Quadrilha Junina Pó de Serra (Mangabeira IV), Quadrilha Junina Aconchego (Cruz das Armas), Quadrilha Junina Chamego Arretado (Ilha do Bispo), Quadrilha Junina Lageiro Seco (Roger), Quadrilha Junina Fazenda Lampião (Mangabeira I), Quadrilha Junina Linda Flor do Sertão (Mangabeira VIII), Quadrilha Junina Flor de Mandacarú (Bairro de Mandacarú), Quadrilha Junina Botijinha, Quadrilha Junina Zé Monteiro (Cristo Redentor), Quadrilha Junina Mangue Seco (Bairro São José), Quadrilha Junina Tiko Show (Mangabeira I), Quadrilha Junina Fulô do Cerrado (Funcionários II), Quadrilha Junina Sanfona Branca (Mangabeira I), Quadrilha Junina Fogueirinha (Cruz das Armas), Quadrilha Junina Paraíba (Roger), Quadrilha Junina Sapucaia (Mandacarú), Quadrilha Junina Explode Coração (Colinas do Sul), Quadrilha Junina Flor de Lírio (Valentina de Figueiredo), Quadrilha Junina Xiado do Xinelo (Funcionários IV), Quadrilha Junina Sacode Poeira (Jardim 13 de Maio), Quadrilha Junina Só Risos (José Américo), Quadrilha Junina Sucupira (Bairro Padre Zé) e a Quadrilha Junina Nação Matuta (Cruz das Armas).

Ao término do período de preparação dos cenários e testagens do som, as apresentações começam. A contagem do tempo fica visível através de três cronômetros digitais: um para a quadrilha e o público da arquibancada, outro para os jurados e o terceiro, voltado para a equipe de som ou o conjunto musical.



Figura 13. Imagem do palco onde se encontram os jurados, músicos e organizadores.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 14. Montagem do cenário: Momento dos preparativos que antecede uma das apresentações.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Nos primeiros minutos das apresentações, as quadrilhas mostram sua parte mais cênica e teatral sem envolver a dança junina propriamente. Esse momento é crucial para que os jurados e o público possam entender a narrativa inicial do espetáculo e o discurso trazido pelos participantes: é um momento de fala, de encenação com o tema abordado que já foi comentado previamente pelo marcador através da sinopse.

Apesar desse momento cênico estar, em sua grande maioria, no início das apresentações, é possível observar também que algumas quadrilhas optam por trazer a parte cênica no fim do espetáculo. Outras, mais ousadas, ainda trazem a parte cênica tanto na abertura quanto no meio e também no encerramento, o que é variável, e cada quadrilha decide como quer se apresentar de acordo com seus recursos, interesses e possibilidades.



Figura 15. Abertura da Quadrilha Explode Coração.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

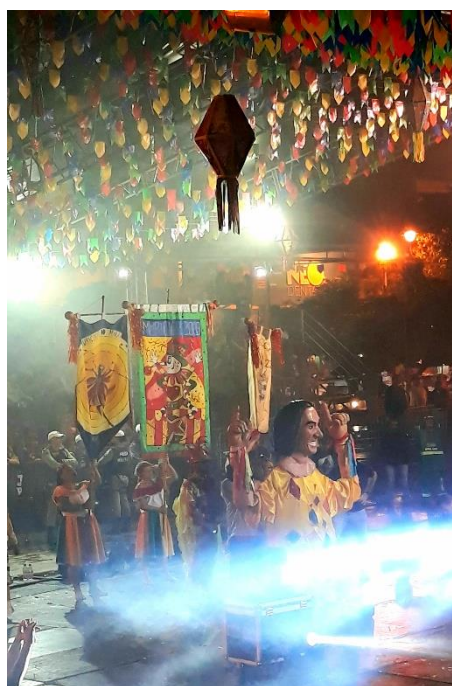


Figura 16. Abertura da Quadrilha Junina Flor de Lório. Grupo “B”.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 4. Q.J Flor de Lório - Homenagem ao bloco das Muriçocas do Miramar.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Feita essa abertura que funciona como uma introdução para anunciar o tema ao público, as quadrilhas começam a dançar de maneiras variadas. Com seus passos e coreografias muito bem ensaiadas algumas quadrilhas decidem logo de início trazer as rainhas (tanto a rainha da quadrilha quanto a rainha da diversidade) como destaques iniciais para em seguida apresentarem o casal de noivos pausando a dança no meio do espetáculo para realizarem a cerimônia do casamento juntamente com o padre e os demais dançarinos, que nesse caso representam os convidados da festa. É muito comum também a participação de cangaceiros e ciganos nas apresentações, mas não é obrigatório no regulamento.



Figura 18. Rei e Rainha em coreografia.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 19. Início da cerimônia de casamento.
Na imagem: Padre e casal de noivos.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 20. Cangaceiros em passos de xaxado.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Como vimos no capítulo 2, “o Casamento matuto” é um dos componentes fundamentais nas apresentações de quadrilhas juninas, podendo ser considerado seu ápice, momento central da dança, esperado não apenas pelos jurados, mas pelo público. Geralmente, o casamento matuto é como um dos principais mecanismos de expressão do tema proposto pelos grupos. Através dele, as quadrilhas as quadrilhas determinam o desenvolvimento daquilo que será abordado no arraial. Assim, é a partir do casamento, geralmente apresentado de forma dramática com muitos diálogos entre os noivos, o padre e o marcador, que percebemos o desenvolvimento da “trama”, a proposta que cada quadrilha decide apresentar.



Figura 21. Momento final da cerimônia do casamento matuto.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

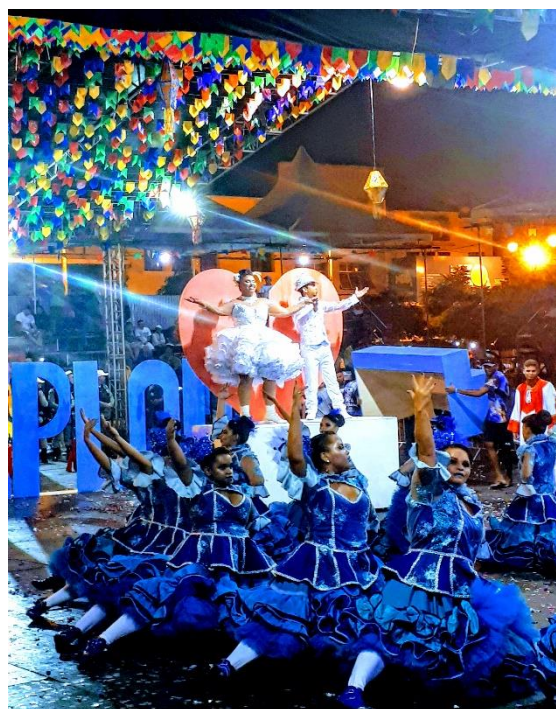


Figura 22. Casal de noivos apresentados como destaques da quadrilha Explode Coração.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Para compreender a importância da temática durante as apresentações, devemos observar o trabalho artístico das quadrilhas juninas que participam de competições como um projeto. Projeto esse, que é construído por uma comunidade ou um grupo de pessoas que trabalham durante pelo menos 5 meses onde cada elemento da apresentação está diretamente relacionado com o todo. Esse projeto envolve uma produção lenta e minuciosa desde a concepção artística e coreográfica (considerada por muitos como a “alma” do trabalho) até a escolha do repertório a ser dançado e a elaboração do cenário.

É através da exposição espetacularizada do conjunto desses elementos (figurino, coreografia, música, tema, personagens, casamento) que podemos perceber o projeto de uma quadrilha junina de competição.



Figura 23. Coreografia executada após o casamento.
Foto: Felipe Lemos, 2019.



Figura 24. A Rainha sendo cortejada.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 25. Destaque da fila de cangaceiros.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Como foi dito anteriormente, cada quadrilha traz uma alegoria, uma representação da sua realidade a partir do tema escolhido e cada ano são apresentadas novas apresentações abordando temáticas diferentes com passos coreográficos, cenários e figurinos também diferentes.



Figura 26. Coreografia em movimento circular usando elementos do cenário.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 27. Coreografia em filas formando círculos.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 28. Bumba meu boi como elemento da temática.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Por ser considerado um grupo menor e muitas vezes com menos recursos de cenários, as quadrilhas do grupo “B” tem o tempo de apresentação um pouco menor que as do grupo “A”. Em geral elas têm 20 minutos para a apresentação do espetáculo em si mais o adicional de dez minutos para os preparativos que antecedem o show. A possibilidade de ascensão ou rebaixamento de uma quadrilha vai depender do seu desempenho e avaliação durante o

espetáculo no arraial. As primeiras três campeãs do grupo “B” serão classificadas para competir no grupo “A” durante o festival do próximo ano, e as três últimas colocadas do grupo “A” sofrerão com o rebaixamento para o grupo “B”. É assim que funciona a competição, as dez quadrilhas estabelecidas no grupo “A” disputam entre si para permanecerem nesse grupo e as demais do grupo B tentam ascender para o grupo de maior prestígio, o grupo “A”.



Figura 29. Homens nas bordas e mulheres no centro. Coreografia feita antes do casamento.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 30. Mais uma quadrilha ritualizando o momento que antecede o casamento.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

Essa dinâmica pode ser percebida até mesmo pelas torcidas nas arquibancadas, onde o próprio público atribui um maior reconhecimento e valor as quadrilhas do grupo “A” devido a sua maior riqueza de detalhes, complexidade de passos coreográficos, cenários mais bem elaborados contando com estruturas mecânicas que se abrem no palco, jogo de iluminação colorida, fumaça artificial, entre outros efeitos visuais.



Figura 31. Parte do público e das torcidas.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.



Figura 32. Arquibancada através do Arraial.
Fonte: Felipe Lemos, 2019.

O resultado do XXIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa foi revelado na madurada do domingo (dia 16 de junho) e a grande campeã do grupo “A” foi a quadrilha junina Sanfona Branca (Mangabeira). Tendo como título "Santas e Cangaceiras: Uma ficção a ser contada". Essa quadrilha abordou o tema das mulheres santas e guerreiras do Nordeste e, segundo o Jornal G1 da Paraíba, o espetáculo foi dividido em três atos que contaram a história do cangaço dando ênfase na figura da Maria Bonita e da guerreira Dadá. A campeã obteve 269.9 pontos, apenas 0.9 décimos a mais que a segunda colocada, a quadrilha junina Fogueirinha (Cruz das Armas) e 1.7 pontos a mais que a terceira colocada, a quadrilha Lageiro Seco (Roger).

Temos abaixo, a lista com a pontuação das quadrilhas do grupo “A” que participaram do XIII Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa:

1. Q. J Sanfona Branca - 269.9 pontos
2. Q. J Fogueirinha - 269.0 pontos
3. Q. J Lageiro Seco - 268.7 pontos
4. Q. J Flor do Mandacaru - 268.6 pontos
5. Q. J Paraíba - 267.8 pontos
6. Q. J Xamego Arretado - 266.4 pontos
7. Q. J Tiko Show - 266.2 pontos
8. Q. J Fazenda Lampião - 265.9 pontos
9. Q. J Linda Flor do Sertão - 261.2 pontos
10. Q. J Fulô do Cerrado - Desclassificada por atraso

Já no grupo “B”, temos a quadrilha junina Flor de Lírio como campeã que obteve 269.1, apenas 0.5 décimos a mais que a segunda colocada, a quadrilha junina Zé Monteiro (Cristo Redentor) e 1.4 pontos a mais que a terceira, a quadrilha junina Xiado do Xinelo (Funcionários IV).

Com o tema intitulado “Sou um Junino Folião nos enredos da Paixão”, a quadrilha junina Flor de Lírio homenageou o Bloco carnavalesco “Muriçocas do Miramar” e o mestre Fuba, compositor e produtor cultural de João Pessoa mais de 30 anos e um dos fundadores do bloco “Muriçocas do Miramar”.

Na lista abaixo podemos ver as pontuações das quadrilhas juninas participantes do grupo “B”:

1. Q. J Flor de Lirio – 269.1 pontos
2. Q. J Zé Monteiro – 268.6 pontos
3. Q. J Xiado do Xinelo - 267.7 pontos

4. Q. J Sacode Poeira - 267.1 pontos
5. Q. J Botijinha - 266.4 pontos
6. Q. J Só Risos - 264.0 pontos
7. Q. J Explode Coração – 264.0pontos
8. Q. J Pó de Serra – 263.5pontos
9. Q. J Sucupira – 262.2pontos
10. Q. J Aconchego – 261.6pontos
11. Q. J Mangue Seco – 256.5pontos
12. Q. J Pindura Saia - Desclassificada
13. Q. J Nação Madura - Desclassificada
14. Q. J Sapucaia – Desclassificada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões feitas nesse trabalho tiveram como intenção desenvolver uma compreensão do universo dos festejos juninos, em especial, as quadrilhas juninas de competição, para pensar esses grupos a partir de suas características atuais. Com esta pesquisa, pude notar a relevância dos concursos de quadrilhas em termos de apresentação e organização, destacando sua importância a ponto de conquistarem um concurso exclusivo no calendário das festividades juninas municipais.

Desse modo, os concursos de quadrilhas juninas são configurados como um dos mais interessantes investimentos midiáticos contemporâneos, com um sucesso relacionado ao forte potencial artístico e estético proporcionado pelas quadrilhas juninas da cidade de João Pessoa, o que resulta numa dinâmica de rivalidades complexas entre os participantes e envolvendo projetos pessoais e coletivos baseados nas relações sociais de cada comunidade envolvida.

Reiterando a fala de Edson Pessoa em entrevista para essa pesquisa, a quadrilha junina tal como vimos no decorrer desse trabalho só pode ser percebida através dos concursos e dos festivais de competições, porque além da visibilidade social dos grupos quadrilheiros, esses concursos também oferecem a possibilidade da circulação de saberes e informação, consolidando novas articulações e novas formas de redes artísticas, criativas e profissionais nos bairros.

Também percebemos como Chianca (2007), que através dos concursos os grupos de quadrilhas juninas reconstroem sua identidade cidadina como cidadãos plenamente assimilados pela sua realidade, extrapolando as referências habituais que em geral são fortemente estigmatizadas da sua “zona”, “bairro” ou “conjunto”.

O intuito desse trabalho foi o de mostrar a quadrilha junina numa perspectiva antropológica levando em consideração a dinâmica dos concursos e festivais. Pretende-se aqui, refletir sobre a tradição da quadrilha junina enquanto expressão da cultura popular tendo como protagonista os atores sociais, que a partir dos seus interesses, conflitos, alianças e recursos, são responsáveis pela construção e reconstrução dessas manifestações artísticas dando sentido à vida dos agentes nas comunidades envolvidas.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: Um estudo de Antropologia Visual sobre o cotidiano, Lixo e Trabalho.** Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

BURKE, Peter. **História como memória social.** In: _____. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 11. Ed. São Paulo: Global, 2001.

CASTRO, Thiago Silva de. **A quadrilha junina em um contexto de profissionalização: Um estudo sobre a cultura quadrilheira de Sobral/CE.** Sobral: Ed. do Autor, 2012.

CHIANCA, Luciana. “**Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa**”. Sociedade e Cultura, Goiânia, vol. 10, n.1, jan./jun. 2007.

CHIANCA, Luciana. **A festa do interior: São João, migração e nostalgia em Natal no século XX.** Natal: EdUFRN, 2006.

CHIANCA, Luciana. **São João na Cidade: Ensaios e improvisos sobre a festa junina.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CHIANCA, Luciana. **O auxílio luxuoso da sanfona: Tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas.** Revista Observatório Itaú Cultural: OIC, 14, 89-100, 2013b.

CHIANCA, Luciana. **Quadrilha junina e cidade, mercado e beleza da obra.** Revista Mundaú, 2018, n.5, p.126-141.

MENEZES NETO, Hugo. **O balancê no arraial da capital: Quadrilha e tradição no São João do Recife.** Recife: Ed do Autor, 2009.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Noites festivas de junho: Histórias e representações no São João do Recife (1910-1970).** Recife: Ed. UFPE, 2018.

ZAMITH, Rosa Maria Barbosa. **A dança da quadrilha na cidade do Rio de Janeiro:** sua importância na sociedade oitocentista. Textos escolhidos de cultura e arte populares, v. 4, n 1, 2007.

ZAMITH, Rosa Maria Barbosa. **A quadrilha:** Da partitura aos espaços festivos: Música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista. Editora E-papers, 2011.

SITES:

Flor de Lírio é a grande campeã do grupo B no concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa. **ClickPB**, João Pessoa, 17 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/cultura/flor-de-lirio-e-grande-campea-do-grupo-b-no-concurso-de-quadrilhas-juninas-de-joao-pessoa-262383.html>
Último acesso em: 22 de agosto de 2019.

'Sanfona Branca' vence concurso de quadrilhas juninas de João Pessoa 2019. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 16 de junho de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2019/noticia/2019/06/16/sanfona-branca-vence-concurso-de-quadrilhas-juninas-de-joao-pessoa-2019.ghtml>
Último acesso em: 22 de agosto de 2019.

XXIII edição do Concurso de Quadrilhas Juninas começa nesta sexta no Ponto de Cem Réis. **Site da Prefeitura de João Pessoa**, 14 de junho de 2019. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/xxiii-edicao-do-concurso-de-quadrilhas-juninas-comeca-nesta-quinta-feira-no-ponto-de-cem-reis/>
Último acesso em: 18 de junho de 2019.